

# GLOBALIZAÇÃO, A CONSISTÊNCIA DE UM CONTEÚDO NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Edna Celeste Vieira Bonassi<sup>1</sup>  
ednabonassi@usp.br  
Eixo temático<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Enquanto professora de geografia do Ensino Fundamental de escola pública, da cidade de São Paulo, Brasil, apresentamos alguns eventos que nos despertaram questionamentos com relação ao ensino de geografia, especificamente ao conteúdo de globalização.

O aluno da série final do Ensino Fundamental, na escola pública da nossa cidade apresenta uma característica comum que é concluir essa etapa em sua formação e começar a trabalhar. Ele busca gerar recursos para ajudar na escassa e limitada renda familiar.

A idade desse adolescente e a carga de responsabilidade social que lhe é imposta por suas condições sócio econômica em que está inserido, não lhe dão opções para profissões, ou funções que possam futuramente lhe proporcionar um ganho melhor. Ele começa a trabalhar muito cedo e não dá continuidade aos estudos.

Outra situação concreta do meio social de alguns alunos é que na busca de recursos monetários ele se torna um catador de resíduos sólidos, pois nesse meio, não será questionado ou punido por alguma lei que proíba o trabalho do menor.

De forma geral, essa é a realidade da periferia de São Paulo, onde há um mercado informal de trabalho de menores, ali existem muitas carências, como a financeira, habitação precária, dificuldade em acessar a infra-estrutura pública no que tange à saúde e saneamento básico. Enfim, é o quadro da periferia urbana com sua dinâmica e vida própria.

Nessa situação, vemos contradições como: em uma rua de casas precárias, uma série de carrinhos de catadores de resíduos sólidos “estacionados”; um aluno da escola de pé ao lado de um dos carrinhos, posicionando-se para sair bem cedo no cumprimento de sua atividade. De repente pára e tira um celular do bolso, mantém um pequeno diálogo, encerra, guarda o celular, pega seu carrinho e sai para o trabalho.

Ou, depois de um ano que o aluno saiu do ensino fundamental ao encontrar-nos diz que conseguiu um emprego numa empresa de informática, vai trabalhar no almoxarifado, sente-se muito bem, pois suas perspectivas em um mercado formal eram inexistentes. Segundo ele, achava que nunca teria uma oportunidade dessas. Ainda afirmou lembrar-se de nossas aulas de geografia em que trabalhamos a globalização e as novas tecnologias informacionais.

Em outras situações, percebemos que alunos com vestimenta inadequada para temperaturas muito baixas, ao serem questionados porque estavam sem agasalho adequado, responderam que não tinham como comprar, mas ao mesmo tempo, possuem celulares ou mp4, e alegam ter ganho da mãe ou de algum outro parente direto.

Esses fatos nos instigaram a pensar mais amiúde nesta globalização materializada nas tecnologias de informação, no consumo das mesmas e o quanto elas influenciam no modo de vida de cada pessoa. Mas, da mesma forma, que são atrativas, estas mesmas tecnologias não dão conta de suprir as necessidades básicas do jovem, pelo contrário contribuem para aumentar a carência, pois têm um custo para serem mantidas.

Aparentemente esse é o quadro geral do adolescente da escola pública do nosso país. Um cenário que seria comum, olhado pelo prisma do andamento da globalização e de todo o desenvolvimento tecnológico informacional que assola os lugares, sejam eles mais pobres ou ricos. O que nos chama atenção é a substituição feita por esses jovens que priorizam as técnicas

---

<sup>1</sup> Mestranda do Departamento de Geografia da FFLCH da Universidade de São Paulo e professora da rede pública do município de São Paulo, SP, Brasil.

<sup>2</sup> **Eixo temático:** Educação e ensino de Geografia

informativas, associada ao modismo, ao consumo, em detrimento de suprimir tais necessidades básicas com objetivo de usufruir de um conforto mínimo para o corpo, seja pela vestimenta ou alimentação adequada.

Mediante o apresentado, perguntamos o que nós professores de geografia podemos fazer e contribuir para o jovem perceber-se nesse emaranhado de situações adversas e de alguma maneira poder escolher e não simplesmente submeter-se ao que é “estabelecido” pela mídia e pelo consumo. Não se render às esferas da propaganda, das aquisições dotadas de modismo, talvez seja um desafio para o adolescente que não percebe o futuro, ele vive o presente imediato e o “ter” está agregado ao “ser”.

Com essa preocupação, nos questionamos qual poderia ser o papel da Geografia para intervir nesse processo e mais especificamente o papel do professor; dado o fato de uma ramificação da globalização estar posta e seguir sua dinâmica: o “ter” para “ser” o consumo do supérfluo é mais importante do que o necessário à sobrevivência.

Que instrumentos, que estratégias pedagógicas, currículos, encaminhamentos didáticos poderiam tornar mais significativos o tema do consumo, da globalização, considerando a realidade vivida por esses jovens e contribuir para um modo de pensar mais consciente, esclarecedor e formador desse adolescente para a construção da cidadania.

PONTUSCHKA (2001) nos convida a pensar a globalização, nos títulos da disciplina quando diz que o ensino de Geografia tem que estar acordado a realidade do aluno, do seu momento, do seu tempo. Ela cita: “perguntas antigas sobre ensino-aprendizagem da geografia. Que conteúdos selecionar? Que métodos utilizar? Que linguagem priorizar? Como sensibilizar os alunos para a importância da Geografia para sua vida em suas múltiplas dimensões?” (p.112)

Com relação às perguntas antigas, mas sempre pertinentes e, diante da fala do aluno que se lembrou das aulas de Geografia, especificamente do conteúdo relativo à globalização, que, de alguma forma, tinha dado um sentido a sua vida, pois ele conseguiu contextualizar o ensino anteriormente dado, demonstra ser apenas um exemplo dentre tantos outros que denotam a importância da “globalização”, enquanto conteúdo na aula de Geografia na série final do Ensino Fundamental na escola pública, quando o aluno já desenvolveu bastante o seu pensar abstrato.

Fazendo uma análise hipotética, colocamos que, esse tema (globalização), muitas vezes fica no nível da informação e não da formação desses adolescentes, pois pressupõe-se, de modo geral, que esse conteúdo será tratado com maior profundidade no Ensino Médio. Nesse momento, a escola estará mais preocupada com o engajamento desse aluno no mercado de trabalho. Mas há de considerar-se que muitos jovens das classes populares, não continuam seus estudos após o término do Ensino Fundamental, em decorrência das carências financeiras.

Por vezes, perde-se o fundamento teórico de que a globalização acontece “no” e a “partir” dos lugares. As evidências desse fato ficam claras nos poucos exemplos de vivência acima apresentados. CARLOS (1996) cita em “O lugar no/do mundo”, que:

...a globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem todavia anularem-se as particularidades. (p.15)

Corroboramos com a autora pensando que o lugar onde se realiza o cotidiano do aluno, também é o lugar manifesto da globalização, e o qual não pode ser prescindido do seu teor no ensino da geografia para a formação do cidadão. Embora ainda bem jovem, mas já dentro desse processo. O professor precisa articular esse título, temário maior dos economistas, para a vivência, a cotidianidade desses adolescentes.

## OBJETIVO

O objetivo maior desta pesquisa, refere-se a investigar como o professor articula o conteúdo “globalização”, mediante a realidade do aluno, na disciplina de Geografia, na série final do Ensino Fundamental

- É possível, o professor contextualizar a globalização no cotidiano do aluno, já que esse tema está atrelado às teorias da macroeconomia?
- A globalização enquanto conteúdo pode ter uma função constituinte no pensamento geográfico, assim como na própria formação do aluno como cidadão?

Nossos objetivos seguirão nos caminhos do tema, em que medida esse conteúdo pode tornar-se um elemento transformador, conscientizador para que o aluno se posicione perante essa globalização que é materializada no lugar, é produtora de modismos e consumismos. Ela é perversa por forçar necessidades de consumo desnecessário à vivência dos seres humanos, e ao mesmo tempo inovadora de tecnologias da informação e nos avanços técnicos que ajudam a melhoria da qualidade de vida das pessoas

Como contextualizar a globalização para o aluno de escola pública, sendo ela, um processo, uma variável no espaço geográfico, materializada pelo meio técnico informacional<sup>3</sup> e acionada em uma série de novas possibilidades que irão configurar os modos de vivência da sociedade em geral?

A partir das colocações acima delineamos os objetivos específicos.

- Delinear um estudo teórico da globalização e sua relação com o lugar geográfico, o cidadão e a cidadania.
- Destacar o tema globalização, e sua contextualização no teor da disciplina escolar Geografia, através da articulação teórica e a orientação empírica junto ao professor de Geografia, mediante entrevistas.
- Analisar as entrevistas com os professores de Geografia para conhecer o encaminhamento teórico metodológico feito sobre a globalização na formação cidadã dos alunos.

Sentimo-nos diante de questões que nos instigam a investigar o grau de relevância dado para esse conteúdo e se realmente ele tem uma importância de destaque para a formação e compreensão da Geografia pelo aluno adolescente da série final do Ensino Fundamental, segundo as observações dos professores.

## CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

### Método

Vamos buscar na dialética nossos caminhos. A dialética acompanhará nossa proposta teórica, nossa linha de pensamento visto que objetivamos articular a globalização enquanto um processo definido na macroeconomia, visualizado e vivenciado no cotidiano do ser humano.

Dado o fato de que nossa análise permeia o global, não o global enquanto localização, e sim a globalização, enquanto um processo e categoria decorrente da expansão do capitalismo. Buscamos visibilidade desse movimento nos lugares, perceber os efeitos da globalização. O método dialético contribui para nossa pesquisa, pois nos sentimos frente a uma nova prática, às variáveis e contradições que demarcam a realidade local.

No encaminhamento desse método, temos que entender a totalidade não como um acúmulo de partes, mas como as contradições que se manifestam, se imbricam na realidade possibilitam a busca do conhecimento concreto. Conforme cita KONDER(2006):

---

<sup>3</sup> Técnica informacional, termo utilizado por Milton Santos ( 1996,2000,2002) em suas obras para caracterizar as técnicas da informação.

não podemos ter uma visão correta de nenhum aspecto estável da realidade humana se não soubermos situá-lo dentro do processo geral de transformação a que ele pertence (dentro da totalidade dinâmica de ele faz parte), também não podemos avaliar nenhuma mudança concreta se não a reconhecermos como mudança de um *ser* (quer dizer, de uma realidade articulada e provida de certa capacidade de durar). (p.54)

Nossa pesquisa busca o desvendamento da realidade social a partir de um sistema de produção capitalista mundial, observar o todo no lugar, as singularidades, dar concretude ao que se expõe como abstrato na cotidianidade, compreender globalmente o local de forma imbricada, e decifrar daí os códigos sócio espaciais, as relações do ser geográfico estabelecidas através dos signos, significados, destacar as diferenças para fugir da homogeneização e da linearidade.

Pensar na globalização enquanto um processo e ver em suas variantes, diferentes dimensões nos levam a refletir sobre a questão do todo e das partes. Considerando o mundo e os lugares, SANTOS (2005) traz uma reflexão desse movimento e cita que os lugares são suportes das relações globais. “Muda o mundo e, ao mesmo tempo mudam os lugares... O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente” (p.158).

Em nossa perspectiva de análise, o local está relacionado à localização e o lugar à dinâmica, ao movimento, enfim, a uma categoria de análise do espaço geográfico em si.

Pensando as partes e o todo, o todo e as partes, temos aí um movimento contínuo na pesquisa a respeito do tema globalização e sua articulação no ensino de Geografia nos sentimos nessa dialeticidade, pois somos atores, sujeitos nesse processo da globalização; dinâmica essa, que engendra nossas vivências, constituímos e somos constituídos, nessas relações sócio espaciais aqui enfocadas.

## **Metodologia**

Em busca de respostas aos questionamentos levantados consideramos que a melhor orientação é a pesquisa qualitativa visto que a investigação dar-se-á no processo do fenômeno, na análise dos fatos em andamento, destacando os dados da realidade e percebendo o significado dos conceitos pesquisados junto aos entrevistados, para assim articulá-los ao corpo teórico pesquisado. (LÜDKE, 1986)

Levando em conta a globalização como um processo e analisando a aplicabilidade desse tema como conteúdo, estaremos em um movimento dialético, pois a globalização se realiza se manifesta nos lugares, e também é materializada pelos sujeitos nesses lugares; sendo que nós, professores estamos inseridos nesse contexto. Lembramos PÁDUA (1997):

... toda pesquisa tem uma intencionalidade, que é elaborar conhecimentos que possibilitem compreender e transformar a realidade; como atividade, está inserida em determinado contexto histórico-sociológico, estando, portanto, ligada a todo um conjunto de valores, ideologia, concepções de homem e de mundo que constituem este contexto e que fazem parte também daquele que exerce esta atividade, ou seja, o pesquisador.” (p.30)

A intencionalidade de nossa pesquisa está em elaborar o conhecimento teórico do tema globalização, tirando-o dos anais da economia e articulá-lo ao contexto da atividade do professor na última série do Ensino Fundamental. Logo, nosso objeto de pesquisa é o “conteúdo globalização” e o sujeito da pesquisa é o “professor de Geografia do último ano do Ensino Fundamental”. É interessante interagir com alguns professores atuantes nesse nível de ensino e reconhecer neles as ações em relação aos nossos questionamentos.

Na entrevista, a partir do objeto de pesquisa que é a articulação do conteúdo globalização, procuraremos obter dos professores como ocorre a abordagem desse tema, que representatividade

tem esse assunto nos projetos pedagógicos e planejamento na escola em que atua; o que eles pensam com relação à importância ou não desse título para os alunos e sua formação cidadã, como contextualiza e sua postura mediante o livro didático que utiliza.

As entrevistas fornecerão respostas que subsidiarão uma posterior correlação entre os teóricos que debateram ou debatem a globalização, no campo da macroeconomia e suas repercussões sociais, à contextualização desse tema por meio do ensino de Geografia e sua contribuição na formação do aluno enquanto cidadão.

## **GLOBALIZAÇÃO**

Não temos intenção de discutir os debates que vem ocorrendo em torno da globalização nas diversas áreas do conhecimento. Vamos nos restringir aos efeitos e conseqüências que de certa maneira materializam, formalizam a globalização nos lugares. A globalização tem em si como matriz a economia, mas na sua dinâmica e envolvimento, neste momento da história de nosso planeta, a globalização catalisa todas as dimensões da sociedade, ela se torna real, visível nos lugares e bastante perceptível para os indivíduos. Para IANNI (1999), a globalização expressa “um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial” (p. 13). Também destaca que a tendência é o desaparecimento das fronteiras e o “embaralhamento” do mundo. É um processo que vem ocorrendo dentro de um movimento histórico marcado a partir do colonialismo, imperialismo, os blocos geopolíticos, todos esses fenômenos são assinalados pelas tensões, rupturas e contradições. O que nos chama atenção é que para esse novo momento “civilizatório” indivíduo é percebido no local, no exercício da cidadania, submetido a um jogo de forças que preponderam em escala global. Corroboramos com sua afirmativa:

...a globalização não tem nada a ver com a homogeneização. Esse é um universo de diversidades, desigualdades, tensões e antagonismos, simultaneamente às articulações, associações e integrações regionais, transnacionais e globais. Trata-se de uma realidade nova, que integra, subsume e recria singularidades, particularidades, idiossincrasias, nacionalismos, provincianos, etnicismos, identidades ou fundamentalismos. (ibid. p. 27)

No discurso econômico e dominante dos países ricos a globalização tem um caráter homogeneizante, pois atende às necessidades da expansão do capitalismo mundial, o neoliberalismo que cada vez mais se concretiza nos Estados. Mas no concurso da cidadania foge à homogeneidade, se transfigura em identidades regionais, ou o provincianismo como relata o autor.

A questão que voltamos a salientar é justamente sair do processo que “aparenta” homogeneidade, para ir constituindo o efeito corrosivo e perverso desse movimento em escalas do cotidiano. O vivido, segundo Lefebvre, é o revelador, é o espaço de representação, é o lugar das carências, dos desejos, das esperanças, mas também onde ocorrem as tensões, as emoções constituídas nas práticas sociais.

O aluno de escola pública está inserido, assim como nós professores, nesse espaço de representação, do vivido, com seus traços de urbanidade, da cotidianidade delineada por todas essas forças articuladoras e dialetizadoras, desse processo em ebulição, que é a globalização.

A expansão do capitalismo e a geração de desigualdades vão ocorrendo desde as escalas nacionais e se materializando no local. Segundo PEET (2002), no capitalismo, a produção é direcionada às oportunidades de lucro e não às necessidades sociais, o lucro é realizado, quando o bem é vendido; logo, as mudanças ocorrem rapidamente, a moda e a obsolescência fazem parte da vida capitalista. O mercado considerado como uma instituição anônima obscurece a origem do produto; que pode ser proveniente de um modo devastador da natureza ou explorador do trabalhador. O autor cita que “A enorme diferença entre a realidade econômica e a potencialidade de um consumo aparentemente ilimitado é uma fonte riquíssima de problemas sociais como consumo de drogas e a prática de crimes brutais.” (ibid. p.59).

Esse teórico busca no materialismo histórico, por meio da dialética, a compreensão do todo às partes, não suprimindo o momento das diferenças, pois são nessas diferenças que se realiza a dinâmica dos efeitos do capital, que em nossa pesquisa toma a vertente de suas conseqüências, provenientes dos ritmos globais que permeiam as sociedades, os espaços geográficos.

Os espaços geográficos se configuram segundo uma seletividade de empreendimentos e direcionamento de capitais ou de recursos que mesmo sendo do Estado, estão vinculados a interesses da racionalidade econômica. Podemos ressaltar que, caso o lugar não seja privilegiado por essa materialidade, mesmo assim, ele se subordina ao critério de análise: estar ou não inserido na globalização. Logo, a globalização ocorrendo ou não nos espaços, passa a ser item fundamental para entendimento das relações sócio-espaciais, ou seja, a Geografia tem aí uma categoria de análise que não pode ser prescindida. Ao contrário, deve tomar um corpo melhor estruturado como conteúdo na disciplina escolar.

Milton Santos traz a globalização dos títulos da economia para o lugar geográfico. Esse lugar, hoje mais do que nunca, referenciado e percebido como um espaço empírico, espaço de acontecimentos, onde está materializado o meio técnico científico informacional.

A globalização para SANTOS (2008b) tem um conteúdo que é constituído da unicidade técnica, da convergência dos momentos e do conhecimento do planeta. Esses três elementos estão imbricados, e por eles se concretiza o processo da globalização. A **técnica** influi desde a produtividade, ao comércio, comunicação e daí assegura o uso do tempo permitindo a simultaneidade de ações nos lugares levando à **convergência dos momentos**, isto é a instantaneidade das situações em “tempo real” que permite “usar o mesmo momento a partir de múltiplos lugares; e todos os lugares a partir de um só deles.” (p.28) A **cognoscibilidade do planeta** se dá pela simultaneidade e instantaneidade frente aos interesses e possibilidades dos grupos hegemônicos, criando um novo item que é a seletividade dos lugares.

A contribuição de Milton Santos para esse movimento é fundamental na Geografia, pois ele dá forma e conteúdo, teoriza na essência esse fenômeno, dá visibilidade às conseqüências sócio espaciais.

### **Lugar e globalização**

Pensar, hoje em globalização é também pensar no “lugar”, nos acontecimentos dos lugares que concretizam esse fenômeno, através do cotidiano das pessoas. MILTON SANTOS (2008b) afirma: “Nas condições atuais, o cidadão do lugar pretende instalar-se também como cidadão do mundo.” (p.113). Como não existe uma regulação, um critério dentro desse processo avassalador, “a expressão cidadão do mundo torna-se um voto, uma promessa, uma possibilidade distante.” (p.113). A possibilidade é para buscas de soluções locais, considerando a estruturação político-territorial. O lugar é o espaço concreto. No lugar acontece a mediação técnica, que por vezes, não é entendida, mas é vivida. “No lugar, as ações são solidárias, não no sentido ético, mas no sentido em que são interdependentes.” (SANTOS 1998). O lugar materializa toda uma ordem de grandeza, seja nas repercussões sócio, política e econômica ou simplesmente nas ações individualizadas que respondem ou recriam novos acontecimentos desenhando assim o espaço geográfico nas suas múltiplas interconexões com o meio físico, o local.

A análise de um processo como este, ao qual estamos nos propondo, não tem indicativo de um lugar específico, ou de uma região, é um fenômeno que se irradia e é irradiado em múltiplas formas e conteúdos como apresentamos; logo, estabelecer um tamanho ou grandeza para as conseqüências dessa espacialidade pode gerar enganos, já que estamos em uma dinâmica, em uma dialética.

A lógica da globalização, se é que se pode falar em lógica, mas o movimento, o processo percorre um caminho que se faz nítido, e se esclarece nos lugares. O entendimento desse processo não pode se reduzir ao econômico ou ao social. Aqui nos colocamos diante de um movimento que se destaca nas adjetivações textuais ou em elucubrações teóricas com poucas pesquisas de fundo

concreto e prático **do e no** cotidiano dos sujeitos. Para tanto, é importante fazer essa correlação do lugar com a globalização, já que um não se explica sem o outro em nossa ótica de análise.

É essa percepção que talvez nos conduza a olhar para as possíveis lacunas no ensino desse tema na série final do Ensino Fundamental da escola pública.

A condição da globalização e da fragmentação nos remete a pensar como CARLOS (2006) que diz estarmos diante do efêmero, do repetitivo e da banalização imposta pela comunicação e o consumo.

Os problemas atuais postos pela urbanização ocorrem no âmbito do processo de reprodução da sociedade. Por isso mesmo a globalização também produz modelos éticos e estéticos, gostos, valores, moda, constituindo-se como elemento fundamental da reprodução das relações sociais, um cotidiano, ainda em formação, onde todas as relações sociais passam a ser medidas pela mercadoria. Por isso mesmo o processo de mundialização da sociedade urbana não elimina, mas aprofunda o processo de fragmentação contido no espaço, na ciência, na cultura, na vida do homem. (ibid. p.192)

Um indicativo importante para entender os lugares, segundo SANTOS (2008a, b) é a verticalidade e a horizontalidade em situação de dinâmicas. A horizontalidade se refere à contigüidade e corresponde às relações sociais do grupo, à existência comum em territórios comuns. A verticalidade se relaciona com a integração funcional, envolve o processo produtivo, nas suas relações de acumulação e produção de capital, ela se faz presente por meio de empresas representantes do poder hegemônico. As verticalidades, também podem “ser definidas em um território, como um conjunto de pontos formando um espaço de fluxos” (2008b, p.105), esses pontos estão articulados aos interesses globais e correspondem as tarefas produtivas hegemônicas. De maneira geral, a verticalidade vai condicionar para melhores ou piores condições dos lugares, ou seja, a seletividade, já que materializará toda e qualquer forma de fluxo do capital, das mercadorias, das redes técnicas informacionais.

As verticalidades são vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos, criando um cotidiano obediente e disciplinado. As horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe, e de cima, quanto da contrafinalidade, localmente gerada. (SANTOS, 2008a, p.286)

Enfim, entender a globalização acontecendo, cristalizando e se materializando nos lugares, nos remete a compreensão de que esse movimento é em si dialético, pois é um processo que repercute e se intensifica através de diversas facetas no cotidiano, nas vivências individuais, nos lugares. Produz formas e conteúdos sociais, que se manifestam nos indivíduos e estes reproduzem, concretizam as diferentes nuances que a globalização vai dinamizando e dialetizando nos espaços geográficos, **com e por meio** desses atores geográficos.

### **Meio técnico-científico**

Dissertar sobre globalização é discorrer a respeito das técnicas, as quais se fizeram e faz-se em pleno desenvolvimento. SENE (2007) relaciona esse momento do uso das técnicas à revolução técnico-científica, cita as facetas da globalização:

(...) aceleração, o aumento na velocidade do deslocamento de capitais, mercadorias, informações e pessoas, assim como sua enorme redução de custos. Tudo isso indiscutivelmente não ocorreria sem os fantásticos avanços tecnológicos característicos da revolução técnico-científica (...) ( p.42)

A primeira associação que se faz à globalização é a tecnologia, e no dicionário HOUAISS (2004) é colocada como “conjunto dos conhecimentos científicos, dos processos e métodos usados na criação e utilização de bens e serviços” (verbete, p. 711), mas se observarmos, esse termo adquiriu um novo caráter, a tecnologia sai dessa definição estática e constitui uma forma quase que conceitual dada à importância que toma para dar forma e conteúdo à globalização.

A técnica tem sido assunto dos geógrafos. SANTOS (2008a) considera o meio técnico como integrado ao meio geográfico, em momentos históricos diferentes eles se explicam. Mas a partir da década de 70 do século passado essa correlação passa a ter um novo conteúdo, tomou nova forma, e o espaço geográfico se materializa através de um meio técnico-científico-informacional. A técnica vai se projetar pelo mercado, e o mercado por meio da técnica torna-se um mercado global. Esse mercado global tem uma intencionalidade na produção, comercialização, localização esse funcionamento ocorre em todas as escalas por causa da técnica informacional.

As técnicas, a informação são conteúdos inerentes à produção. Dão condições à competição, hierarquização e consistência do capitalismo nas suas diferentes vertentes. Não é possível analisar apenas o meio técnico – científico a partir das articulações dos modos de produção internacional, seja das grandes corporações, ou mesmo das formas políticas engendradas nos Estados oriundas da racionalidade hegemônica que anuem esse poder econômico aos grandes grupos. É importante compreender que as técnicas, a informação são conteúdos do capital global, dão visibilidade, materialidade à globalização nos lugares, nas relações sócio espaciais.

Corroboramos com SANTOS (2008b) quando diz que a técnica da informação hoje se traduz no uso do tempo, no meio para a convergência dos momentos e possibilita a simultaneidade das ações de forma instantânea. Mas, também, resulta de uma postura ideológica, responde às políticas das empresas globais, dos grupos hegemônicos, e se mascara nos pequenos atores sociais:

A técnica apresenta-se ao homem comum como um mistério, uma banalidade. De fato, a técnica é mais aceita do que compreendida. Como tudo parece dela depender, ela se apresenta como uma necessidade universal, uma presença indiscutível, dotada de uma força quase divina à qual os homens acabam se rendendo sem buscar entendê-la. É um fato comum no cotidiano de todos, por conseguinte, uma banalidade, mas seus fundamentos e seu alcance escapam à percepção imediata, daí seu mistério. (ibid. p 45)

Porém, afora esse fetichismo que envolve a técnica, Milton Santos propõe que é através desta, que há possibilidade de superação da tecnologia hegemônica, pois o computador, os novos instrumentos estão se tornando mais acessíveis; ele acredita na profusão do novo, da criatividade: “As técnicas contemporâneas são mais fáceis de inventar, imitar ou reproduzir que os modos de fazer que as precederam.” ( ibid. p.165)

### **Consumo e consumidor - relação com cidadão e a cidadania na globalização**

“Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão”. (SANTOS, 2008b. p.49).

Podemos dizer que o consumismo, é uma das formas materializadas da globalização no lugar. Erich Fromm se debruça em um dos seus livros sobre o “ter” e o “ser”, apresenta a seguinte fórmula para os consumidores modernos: “*eu sou = o que tenho e o que consumo*” (1977, p. 45), (grifo do autor).

Por certo, é uma situação comportamental, porém, as proporções que esta equação se formaliza e conforme o caminho que viemos teorizando, percebemos o grau de relevância que o consumismo toma quando vamos analisar as relações sócio espaciais do lugar enquanto processo escalar na globalização.



Sem dúvida, Santos consegue caminhar em um método de análise contíguo fazendo-nos perceber que, hoje a produção se faz a partir do investimento na publicidade, na geração de necessidades e desejos para compras. O comprar, nem sempre está associado à subsistência imediata, está associados a mecanismos subversivos criadores de “des” necessidades, atendendo aos poderes hegemônicos.

O grande vilão do cidadão, na globalização é a mídia materializada pelas técnicas informacionais consolidando-se no consumo. “O mundo se povoa de imagens, mensagens, colagens, montagens, bricolagens, simulacros e virtualidades. Representam e elidem a realidade, vivência e experiência.” (IANNI, 1999, p.27)

O consumo é um dos conteúdos das relações de produção. LEFEBVRE (1971) evidencia, e dá visibilidade a relações que poderiam ficar opacas, por causa de ideologias e pelo próprio papel do Estado:

O capitalismo de organização quer moldar a sociedade, modelar as relações sociais, consumidor segundo as pressões da produção (segundo as relações de produção). O consumo, ou sejam necessidades e desejo...O conhecimento (escravizado) e a acção (servil) empreenderam esta tarefa imensa e bem digna deles: dominar o consumo e conservar as relações de produção (p.233)

O consumo faz parte de nossas vidas, é dialético, estamos elucubrando a respeito do mesmo e não prescindimos dele. O que nos chama atenção e leva-nos mais longe em nossos questionamentos é a forma e o conteúdo que o “consumo” obtém na globalização. O quanto ele em sua forma abstrata (gerador de necessidades) e conteúdo concreto (perceptível pelos modismos) vai muito além da sobrevivência. O “ter” como citamos acima se sobrepõe, ou porque não dizer se imbrica ao “ser”.

Estamos no movimento de trazer a globalização do seu sentido mais amplo: do economicista aos efeitos mais envolventes junto ao ser social, que se delineiam nas relações sócio espaciais.

GIDDENS (2007), alerta que é um erro pensar na globalização no sentido estrito da ordem financeira global: “A globalização não diz respeito apenas ao que está ‘lá fora’, afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá ‘aqui dentro’, influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas.” (p.22). Ele chama atenção para o fato que somos a primeira geração a viver nessa sociedade, cujos contornos estão mal delineados, é uma mudança na nossa vida.

No nosso movimento, chegamos ao jovem da escola pública, também ator e atuante nesse movimento, nos voltamos a uma relação clássica da educação que é o ensino-aprendizagem e mais especificamente da disciplina de Geografia.

Estamos percorrendo um caminho e colocando a globalização de maneira contextualizada, através do vivido, do espaço de representação no conteúdo formal da disciplina escolar, para jovens de treze, quatorze, quinze anos. E não simplesmente deixar um fenômeno tão expressivo, para ser abordado com mais ênfase apenas no Ensino Médio.

### **Cidadania e consumidor**

A cidadania, segundo SANTOS (2007) também se submete à dialética da vida social, pois deve-se levar em conta no seu processo, os fatores institucional, econômico, cultural e individual. Eles se interdependem e interagem. Os excertos abaixo apresentam bem esse movimento:

Viver, tornar-se um ser no mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz cada qual um portador das prerrogativas sociais... O respeito ao indivíduo é a consagração da cidadania... A cidadania é uma lei da sociedade, que sem distinção, atinge a todos e investe cada qual com a força de se ver respeitado contra a força, em qualquer circunstância. (p. 19)

No Brasil a cidadania tomou outra configuração. Segundo SANTOS (2007), a partir da década de 70 - do “milagre econômico” - que desencadeou processos sociais de grandeza e causas amplas, como: desruralização, urbanização exacerbada, expansão da mídia escrita, televisionada e falada, regime repressivo com supressão dos direitos “elementares dos indivíduos” e a valorização dos meios materiais em detrimento dos aspectos filosóficos da vida. E nesse momento formou-se o *consumidor* no lugar do *cidadão* e este “aceita” ser chamado de *usuário*.

Esse momento histórico no Brasil vai delineando o perfil do consumidor, este é incentivado, por linhas de crédito, pela mídia que garante a geração de necessidades que fogem de uma busca de qualidade de vida digna dentro dos direitos de um cidadão cívico.

Criadores de moda, difusores do crédito, o papel dos meios e difusão deve ser realçado como o do colaborador privilegiado das artimanhas da produção de massas estilo brasileiro, uma produção de massas contente de si mesma e necessitada apenas de um mercado voluntariamente restringido. Isso garante o não-esgotamento da revolução das esperanças – isto é, das grandes esperanças de consumir-, e ajuda a colocar, como meta, não propriamente o indivíduo tornado cidadão, mas o indivíduo tornado consumidor. (SANTOS, 2007, p.28)

A cidadania, e o consumidor estão para esse teórico numa relação direta e ainda destaca que nessa interação o “dinheiro se torna a medida de tudo” (ibid. p 29). Pensamos como Santos a respeito da cidadania, principalmente quando ele investe no indivíduo, afirmando que, este pode vir a exercer o seu poder de individualidade na busca de um novo sentido para a vida. Aponta para a educação formal como tendo um papel fundamental, pois o humanismo verdadeiro leva respostas às necessidades da sociedade. A finalidade da educação “é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo.” (SANTOS, 2007, p.154).

Mas a crítica ao sistema como está posto, é bem destacada quando esse teórico lembra a confusão que ocorre com as categorias de “cidadão e consumidor, a educação, a moradia, a saúde, o lazer, aparece como conquistas pessoais e não como direitos sociais.” (ibid. p.155); e nesse bojo entra também a política.

Essas relações dialéticas que se estabelecem entre o cidadão, o consumo, o ser consumidor e ser cidadão na proposta apresentada, fazem-nos retornar aos questionamentos iniciais a respeito do ensino de Geografia e sua complexa estrutura na formação do aluno. Voltamos a pensar no lugar, onde o cidadão vive se forma e forma esse espaço geográfico.

O cidadão se estabelece no lugar, cria a cotidianidade, o lugar dá condições ao modo de produção funcionar e envolve outros momentos da vida social. “Pensar a vida cotidiana no lugar é pensar que o mundo está no lugar e o lugar no mundo, com todas as mediações necessárias.” (DAMIANI, 2001, p. 168). Essas mediações são visualizadas, imbricadas em sua dinâmica no lugar, no cidadão consumidor.

### **Considerações finais**

Por hora, estamos em movimento teórico. A proposta é constituir elementos que conformem justamente essas relações que se opõe, se evidenciam se tornam visíveis através das partes por meio de um todo, reflexo da globalização.

Pensamos que, estamos trazendo a globalização do todo ao lugar geográfico, lugar do cidadão e assim realizar as análises necessárias para a conexão desse caminho teórico até o ensino realizado na escola pública, através do professor de Geografia. Fica claro nesse movimento que viemos percebendo o quanto é importante retirar a globalização dos anais da economia e configurá-la no cotidiano.

“Lidando com o cotidiano, coloca-se o acento no *social*, como nível mediador entre o econômico e o político, totalmente atingido por outras esferas do real. O social não pode permanecer, em termos de análise, submerso ao econômico e ao político... O econômico e o político pressionam o social, o que equivale avaliar o empobrecimento da vida social, no sentido dela se dobrar à vida privada, num mundo tecnológico e economicamente desenvolvido. (grifo do autor) (DAMIANI, 2001, p.161/2)

Corroboramos com a autora, o cotidiano é revelador, mesmo imbricado nos demais setores da sociedade. É nele que o social se realiza. O econômico, o tecnológico, hoje destaque nos discursos e movimentos ideológicos, levam a frente o emblema da globalização para justificar, explicar e identificar as ações das grandes corporações financeiras, conluios políticos e temários maiores ou menores, positivos ou negativos que de alguma forma atingem a todas as pessoas nos seus lugares de vida.

Temos que refletir e pensar a contextualização desse movimento no cotidiano do aluno, como articular todo esse processo, pois, no nível da macroeconomia excede a teoria e no nível do cotidiano se conjuga na materialidade das seqüência e conseqüências sociais.

Nós nos sentimos nessa dialeticidade, pois somos atores, somos sujeitos nesse processo da globalização. Dinâmica essa, que engendra nossas vivências, constituímos e somos constituídos nessas relações sócio espaciais aqui enfocadas.

O grande desafio será uma busca conscientizadora que nos leve a edificar uma crítica não só frente ao nosso objeto de pesquisa - o ensino da globalização como processo formador do aluno de geografia - mas para além da nossa postura no meio ao qual estamos inseridos.

“O conhecimento humano em seu conjunto integra-se na dupla e infinita tarefa do homem de transformar a natureza exterior, e sua própria natureza.” (VÁZQUES 2007, p 224).

## BIBLIOGRAFIA

- CARLOS, A. F. A. *O Lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996
- CARLOS, A. F. A. *A Natureza do espaço fragmentado*. In Santos, M., et al. *Território globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 2006
- CARLOS, A. F. A. *O Lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996
- DAMIANI, A. L. *O lugar e a produção do cotidiano*. In: CARLOS, A. F. (Org.). *Novos caminhos da geografia*. São Paulo: Contexto. 2001, p.161-186.
- FROMM, Erich. *Ter ou ser?* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª ed. 1999.
- GIDDENS, A. *Mundo em descontrolé*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- HOUAISS, A. *Minidicionário Houaiss da língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2004
- KONDER, L. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 28ª ed., 8ª reimpressão, 2006
- LEFEBVRE, H. *O fim da história*. Lisboa: Dom Quixote, 1971.
- LEFEBVRE, H. *A Produção do espaço*. Tradução da 4ª ed. Paris, Anthropos, 2000 Grupo “As (im) possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”, do Núcleo de Geografia Urbana UFMG, 2007
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986
- PÁDUA, E.M.M. *Metodologia da pesquisa- abordagem teórico-prática*. São Paulo: Papirus, 1997.
- PEET, R. *Mapas do mundo no fim da história*. In SANTOS, M et al. *Fim de século e globalização*, São Paulo, Hucitec, 2002.
- PONTUSCHKA, N. N. *O perfil do professor e o ensino / aprendizagem da Geografia*. In Caderno Cedes nº 39, Ensino de Geografia. Campinas: Papirus, 1996.
- PONTUSCHKA, N. N. A geografia: ensino e pesquisa. In: CARLOS, A. F. (Org.). *Novos caminhos da geografia*. São Paulo: Contexto. 2001. p. 111-142

- PONTUSCHKA, N. N., PAGANELLI, T. I., CACETE, N. H.. *Para ensinar e aprender Geografia*. São Paulo: Cortez, 2007.
- PONTUSCHKA, N. N. *Processos de ensinar e aprender: lugares e culturas no campo da Geografia*. In *Trajetórias e processos de ensinar e aprender: praticas e didáticas*. Anais XV Endipe. Porto Alegre: PUC, 2008.
- SANTOS, M. *Das modas ao modo, trajetórias da Geografia Humana*. In *Revista Sexta-Feira: Antropologia, Artes e Humanidades*, nº 3. São Paulo, Pletara. Out. 1998, p.100-111.
- SANTOS, M. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005
- SANTOS, M. (1987). *O espaço do cidadão*. 7ª ed. São Paulo: Edusp, 2007.
- SANTOS, M. (1996). *A Natureza do espaço técnica e tempo - razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2008a.
- SANTOS, M. *Por outra globalização do pensamento único à consciência universal*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008b.
- SENE, Eustáquio de., *Globalização e espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2007.
- VÁZQUEZ, A. S. *Filosofia da Práxis*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.